

Resenha

Juliana Pontes Ribeiro

RICARD, André. **Conversando com estudantes de diseño.**
Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2008, 160 p.

Juliana Pontes Ribeiro

Doutora em Arquitetura e Urbanismo (UFMG), com tese sobre a relação entre Design de Superfície, Arquitetura e Arte Site-Specific; Mestre em Comunicação Social (UFMG), com dissertação sobre Design Editorial; Especialista em Novas Tecnologias em Comunicação (UnibH) e docente na Universidade FUMEC, onde leciona nas graduações de Design e Design de Moda. Também é pesquisadora líder do grupo CERNE: Design, Arquitetura, Artesanato e Arte (CNPQ), investigando metodologias projetuais interdisciplinares em Design em geral e Design Social de forma específica. Recebeu MENÇÃO HONROSA no Prêmio Design Museu da Casa Brasileira, na Categoria Trabalhos Escritos, com o livro Na rua: moda, pós grafite e vestígios, organizado junto com Cássia Macieira; foi 1º colocada no Prêmio Concurso UNISOL/ BANCO REAL, com o Projeto de Capacitação ASAS/ Artesanato Solidário no Aglomerado da Serra, em coordenação compartilhada com Natacha Rena. Contato: jpontes@fumec.br



André Ricard (1929), perto dos seus 80 anos, debruçou-se sobre as dúvidas e as preocupações legítimas de estudantes de Design das novas gerações, que foram respondidas em forma de livro em 2008. As perguntas e as respostas oportunizaram o registro do pensamento de um pioneiro na consolidação da profissão na Espanha, que atuou no Design Industrial

com destaque para além das fronteiras do seu país, tornando-se, também, reconhecido como docente e autor. Em três encontros, em diferentes Universidades de Design espanholas, o criador da Tocha Olímpica de Barcelona de 1992 se colocou à disposição dos estudantes para responder às suas diversas questões sobre a área, que foram organizadas em grupos de afinidade e deram origem aos temas do livro: conceitos; processo; clientes; formação; profissão; sociedade; aspectos pessoais e futuro. Já se percebe o incomum desta abordagem editorial, delineada pela natureza das perguntas e não por uma proposta de conteúdos pré-determinados pelo autor. Na leitura, que pode ser feita de forma não linear, reconhecemos um designer com forte influência da filosofia da Escola de Ulm em sua formação e início de carreira, na década de 1950, mas que deixa clara a sua aproximação, na maturidade, com o Design Escandinavo, especialmente da Finlândia, considerado menos racionalista, mais sóbrio e leve, mas sempre de caráter não elitista. No transcorrer da obra notamos a sua consciência nítida acerca das transformações do mercado ao longo de décadas de experiência, inclusive ao mostrar como caminhos distantes da sua linha de pensamento apontam para novas abordagens, que tentam responder às demandas culturais e sociais recentes, como a reconciliação com o recurso estético dos adornos, por exemplo, sempre negados pelos modernistas.

Com um texto assertivo e um repertório cultural que transborda em frases que oscilam entre líricas, de um lado, e engenhosas, de outro, Ricard recorre a algumas metáforas para trazer luz ao campo do Design, deixando visível a convicção de que a compreensão da real dimensão dessa profissão ainda não é socialmente compartilhada como se espera. Frases como “o designer é o arquiteto do objeto” ou “quando criamos estamos estruturando (...) distintos extratos da nossa memória, até chegar a (...) uma imagem de algo que não existia”, somam-se a expressões como “imaginar com todo detalhe”, que conseguem estabelecer comparações e tecer elucidações sobre a natureza do projeto em design de forma simples e contundente. Aliás, impressiona a sua capacidade de comunicar, mostrando que o autor vivencia aquilo que prega como uma das qualidades para um bom designer: “saber expressar as ideias com o lápis, mas também com a palavra”. Ao associar a criação de um futuro – uma forma que ainda não existe – à fragmentos da memória vivida ou apreendida, outra qualidade sugerida aos designers se revela, que é ser culto, conhecer o passado para poder planejar o futuro.

Ele também toma como virtude por parte do designer a propensão a uma visão panorâmica, que se mostra horizontalizada e de caráter global, o que permite escapar dos limites estritos do olhar de um técnico especialista, que tende a ser vertical e míope para o todo. Em um cenário contemporâneo de demandas complexas, Ricard já sinaliza que as situações de projeto estão cada vez mais integradas com áreas limítrofes ou avançando em direção a proposições técnicas que permitem ousar o impensável, “fazendo possível o impossível”, como ele mesmo diz. Nota-se que, para André Ricard, a noção de inovação como uma ruptura das barreiras já firmadas pelos padrões de cada época se afina com o entendimento da tradição europeia sobre o Design, originada na Bauhaus, cujo racionalismo se volta para a ideia de engenhosidade, economia das formas e um caráter democrático, assinalado pelo baixo custo e acesso a uma maioria. Criar demandas sedutoras em função da primazia do consumo, que ele chama de “exaltação exuberante da economia liberal capitalista”, resume a definição que ele dá ao estilo americano de se fazer Design e está bem distante da aceção atribuída por ele à profissão.

Como um profissional experiente na produção industrial do Design, reforça que a ação imaginativa não pode prescindir da viabilidade técnica, pois o desenho mostra as fraquezas da ideia: “a imaginação nos esconde detalhes que a renderização gráfica não perdoa”. Em relação a esse aspecto, vemos que ele coloca como primordial o domínio do desenho técnico para a validação da ideia, algo que ele assume fazer à mão, sempre com extrema destreza, mas reconhece que executar essa tarefa no computador é uma habilidade estratégica e obrigatória para as novas gerações. A sua relação com o lápis é tão íntima e insubstituível, que ele sugere aos iniciantes que desejam uma vaga em uma empresa fazerem uma carta redigida “à tinta” em papel, sem currículos ou portfólios, com uma breve explanação de uma ideia, tomada como um conceito intelectual e desenvolvida em forma de projeto. Nessa peculiar dica ficam duas lições fundamentais: o valor da argumentação sobre um projeto e o diferencial da personificação do contato profissional (que seja pela escrita pessoal e caligráfica). Se Design, em suas palavras, não é um adjetivo, mas uma condição para a existência dos objetos e produtos industriais, a intimidade com os limites produtivos e de mercado também é condição para os designers. Mesmo assim, insiste em dizer que a beleza do Design está nas múltiplas formas de se resolver um mesmo problema funcional, dando espaço para a inventividade dos métodos específicos de cada projeto: “É uma arte dizer quase o mesmo com mais ou menos música”.